

Análise crítico-paleográfica de escritos de Caio Prado Jr

Critical-paleographic analysis of Caio Prado Junior's writings

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.42362>

Maria Eugênia Duque Caetano

Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

E-mail: maria.caetano@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0550-668X>

RESUMO

A paleografia é uma ciência essencial para a transcrição e análise de testemunhos manuscritos, seja com o objetivo de desvendar a leitura e traçar um padrão histórico de escrita ou embasada por uma perspectiva crítico-analítica. Junto a ela, temos as ciências afins da filologia, como a crítica textual e a diplomática, que, quando empregadas em conjunto, permitem uma aproximação maior ao texto, ao seu autor, e ao seu contexto de produção. Neste artigo, é apresentada uma proposta de aplicação de conhecimentos paleográficos à escrita de Caio Prado Júnior – usando como *corpus* o primeiro Diário Político produzido por ele, localizado no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo, escrito entre novembro de 1935 e outubro de 1936. Trata-se de uma pesquisa em andamento que procura identificar e sistematizar particularidades da escrita de Caio Prado Jr em seus diários políticos e verificar como oferecem informações sobre o processo de escrita do autor e a história do manuscrito, para, eventualmente, ser possível traçar paralelos desse material com os escritos revistos e publicados pelo autor.

Palavras-chave: Filologia. Paleografia. Manuscrito. Caio Prado Júnior. Diário Político.

ABSTRACT

Paleography is an essential science for the transcription and analysis of handwritten testimonies, whether with the objective of unveiling reading and tracing a historical pattern of writing or based on a critical-analytical perspective. With it, we have the similar sciences of philology, such as textual and diplomatic criticism, which, when used together, allow a closer approximation to the text, its author, and its context of production. In this article, a proposal for the application of paleographic knowledge to study Caio Prado Junior's writings - using as corpus his first Political Diary, located in the Archive of the Institute of Brazilian Studies (IEB), the University of São Paulo, written between November 1935 and October 1936. This is an ongoing Master's research that seeks to identify and systematize particularities of Caio Prado Jr's writing in his first Political Diary and see how they offer information about the author's writing process and the history of the manuscript, so that, eventually, it is possible to draw parallels between this material and the writings reviewed and published by the author.

Keywords: Philology. Palaeography. Manuscript. Caio Prado Júnior. Political Diary.

Introdução

O estudo de um documento implica considerá-lo de acordo com a sua história, escrita e também sua materialidade, analisando-o por suas características internas e externas, levando em conta não só sua datação e seus aspectos gráficos, mas inclusive o material conservado, como foi conservado, quem teve acesso a ele, como isso influencia a leitura do texto e quais informações podem fornecer sobre a fonte que se está manuseando. Embora seja possível analisar tais aspectos isoladamente, deve-se compreender que a produção textual não é fragmentada, a sua composição integra diversos elementos, o que a torna complexa e muito mais rica textualmente. É o caso da produção dos Diários Políticos de Caio Prado Jr. (que, ao longo do texto, será referido também como CPJ), um conjunto documental de extrema importância não só para a área em que se encontra, mas também para aquelas relacionadas a disciplinas filológicas (paleografia, codicologia, diplomática, entre outras) - com vistas à produção de edições fidedignas para o estudo da língua e da sociedade - e para aquelas de interesse e domínio do autor.

Caio Prado Jr. foi historiador, político, geógrafo, escritor, editor brasileiro, com destaque em diversas áreas do conhecimento. Seus livros contribuíram para a consolidação da história do Brasil como um todo; era filiado ao Partido Comunista Brasileiro, pelo qual foi eleito deputado estadual; incentivou a pesquisa na Universidade de São Paulo com a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em 1934, entidade de caráter científico nacional; tem 17 obras publicadas - incluindo Formação do Brasil Contemporâneo (1942) e História Econômica do Brasil (1945). Além disso, fundou a Editora Brasiliense em 1943, pioneira e ainda em atividade com sede em São Paulo.

Esse artigo parte do ponto de vista da paleografia para a concepção completa de um documento, sendo ciência fundamental para a compreensão de aspectos gráficos do manuscrito, assim como de marcas presentes nele resultantes do processo de circulação e transmissão documental, visando a uma maneira de relacionar o estudo da sua escrita ao seu contexto de produção, autoria e demais implicações presentes. Segundo Contreras (1994, p. 19) a paleografia pode ser aplicada em três conceitos diferentes, sendo eles: leitura, crítico-analítica e histórica:

[...] debemos entender la Paleografía [...] como un medio para la crítica histórica en general y más concretamente para la crítica textual y como una ciencia autónoma que tiene por objeto el estudio de la escritura como una de las creatividades del hombre, sustentado ese estudio en un método propio de investigación [...] existe una Paleografía de lectura, una Paleografía de análisis y una Paleografía que se identifica con la historia de la escritura.

Os diferentes usos da paleografia exigem diversos olhares do material a ser estudado e cabe ao pesquisador identificar, de acordo com o texto que tem em mãos, qual é o melhor caminho para estudar sua fonte manuscrita. Enquanto a perspectiva paleográfica de leitura é essencial para documentos mais antigos ou com escrita com nível difícil de leitura, que exigem um desvendar de sua escritura e de suas abreviaturas, visando compreender seus signos e particularidades; a paleografia como história visa traçar uma sequência de registro manuscritos que reflete a própria trajetória da escrita e de como o ser humano se insere nela; a paleografia crítico-analítica faz levantar a pergunta de como o texto foi construído, que fatores influenciaram na sua construção e como pode ser feita uma conexão entre a construção desse texto, a sua localização, o seu contexto histórico e social e como ele chegou até nós atualmente - que é o viés base deste artigo.

Tendo como *corpus* o primeiro Diário Político de Caio Prado Júnior, neste trabalho aplica-se a paleografia crítico-analítica a partes essenciais desse material, que oferecem um primeiro contato, um primeiro passo, para a leitura do Diário.

1. O *corpus* da pesquisa: 1º Diário Político de Caio Prado Jr

Caio Prado Júnior escreveu um total de nove Diários Políticos¹, em formato de caderno, cada um deles com quantidade de páginas diferentes, mas com características similares de suporte. Todos os Diários - e algumas cartas e outros escritos de Caio Prado Júnior - estão sendo preservados no arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, da Universidade de São Paulo, por doação da família Prado. O quadro abaixo lista as nove produções:

Diário Político	Data (início-fim)	Total de páginas escritas	Material de escrita
Volume 1	NOV-DEZ/1935 - 31/OUT/1936	160	Caneta e lápis
Volume 2	04/NOV/1936 - FEV/1937	296	Caneta
Volume 3	02/MAR/1937 - 28/MAIO/1937	283	Caneta
Volume 4	01/JUN/1937 - DEZ/1937	303	Caneta
Volume 5	JAN/1938 - 31/OUT/1945	202	Caneta

¹ Os nove Diários manuscritos estão sendo preservados no Arquivo do IEB por doação da família Prado. Todos estão disponíveis para consulta e os devidos materiais de proteção. Porém, por questões de direitos autorais, as imagens dos Diários não podem ser reproduzidas, logo, toda pesquisa deve ser feita apenas no Arquivo, com hora marcada e mediante reserva dos documentos.

Volume 6	01/NOV/1945 - 28/MAR/1946	191	Caneta
Volume 7	11/ABR/1946 - 03/SET/1946	193	Caneta
Volume 8	SET/1946 - JAN/1947	179	Caneta
Volume 9	FEV/1947 - 30/MAR/1947	20	Caneta

O objeto deste estudo é o 1º Diário Político², com 160 páginas manuscritas, que incluem recortes de jornais da época com anotações do autor e comentários que ele faz – no próprio recorte ou nas páginas que contextualizam o assunto. O caderno não tem mais a capa original – o que nos impede de encontrar o local ou a data em que foi comprado, já que as folhas não apresentam marca d'água ou nenhuma outra característica diferencial do próprio suporte – e começa com o ano de 1935 escrito na primeira linha, à caneta. Datado de 23 de novembro de 1935 (primeiro levante militar da Aliança Nacional Libertadora – ANL e, em seguida, é decretado o estado de sítio em todo território nacional) a 31 de outubro de 1936, o documento começa sendo escrito à caneta e, em abril de 1936, passa a ser escrito a lápis, ampliando a chance de a escrita clarear naturalmente com o tempo, apesar de tomados todos os cuidados necessários pelo acervo de guarda. O suporte, assim como o dos outros oito, é tamanho A5 (ou seja, aproximadamente 21,0 x 14,8cm).

O caderno apresenta marcas de tinta de recortes de jornais – algumas dos utilizados e presentes no material, outras que não correspondem a nenhum deles. Logo deve-se considerar que há recortes faltando – o que é indicado também por marcas de ferrugem de cliques de recortes que não estavam colados – já que todos provavelmente eram colados com cola e, alguns, que foram restaurados pelo Arquivo, foram fixados com fita no local onde Caio os tinha colocado.

É interessante notar também que alguns meses não são encontrados no Diário, o que pode levar à suposição de que existam outros materiais de registro de atividade nesse meio tempo ou que também existam partes perdidas do primeiro Diário. Deve-se considerar, inclusive, quem como o caderno já chegou ao arquivo com todas as folhas soltas e com a lombada sem costura, corremos, ainda, o risco de já termos perdido registros anteriores à sua conservação.

² PRADO JÚNIOR, Caio. Diário Político, vol. 1, 160 páginas. São Paulo, SP: 1935-1936. Localização: CAIXA 029 [CPJ001], Participação política, Diários Políticos.

2. A paleografia na prática

Cabe ao pesquisador, primeiramente, quando se propõe a aplicar uma análise paleográfica, identificar que tipo de perspectiva seu material exige para poder ser melhor estudado e para poder deixar à vista suas características mais representativas. O primeiro Diário Político de Caio Prado Jr. foi selecionado por ser capaz de contextualizar a iniciativa de CPJ de registrar os principais acontecimentos sociais e políticos da época. Além disso, esse Diário, dentre os nove, é o que está escrito a lápis em sua maioria, ou seja, como citado acima, a chance de a escrita ir clareando naturalmente, apesar de tomados todos os cuidados necessários, é maior. A pesquisa colaborará, entre outras coisas, para a proteção do original, uma vez que contribuirá para a consulta do conteúdo e das características dos diários, sem expor o original a maiores riscos – a fim de manter sua longevidade.

O primeiro Diário abre portas para um novo tipo de registro e para uma tradição na vida do autor que perdura por doze anos. Vale levantar a questão do que levou o autor a realizar tal registro e como hoje esse material deve ser estudado e estar disponível para que todos possam ter acesso à fonte e as suas idiossincrasias. Nas palavras de Lara (2008, p.18):

Ao longo de suas vidas (individuais ou coletivas), homens e mulheres produziram textos diversos – do modo como achavam que deveriam ser escritos, por motivos e com fins os mais variados, que foram guardados ou descartados segundo critérios que faziam sentido para eles e, depois, para os profissionais responsáveis por sua preservação.

Convém, portanto, o cotejo, o estudo e a investigação desses materiais. Nesse sentido, este estudo abrange uma visão paleográfica do primeiro Diário Político de Caio Prado Júnior, usando suas primeiras páginas como exemplo de como o conteúdo é registrado no caderno e como ele foi utilizado estruturalmente para a organização desse material. Não se pode deixar de vista que, trabalhar com manuscritos, é trabalhar com um material frágil e que exige tempo. Dependendo do estado de conservação e da época em que foi escrito, um manuscrito pode apresentar riscos de fazer perder seu conteúdo ou características do seu material que podem ser essenciais para sua análise e sua interpretação. Por isso, é necessário um olhar paciente e atento aos detalhes para ser possível identificar e interpretar as informações – textuais ou não – que o objeto oferece.

Há de se levar em conta que a construção narrativa dos Diários é diferente da construção narrativa das obras do autor. Com isso em mente, é importante considerar que novas perspectivas sobre o hábito de escrita de Caio Prado Júnior podem ser desenvolvidas. Usando como base o conceito de Megale (2007, p. 128), que

todo manuscrito põe diante dos olhos do leitor um conjunto de características que revelam o nível de conhecimento da língua utilizada por quem o produziu, o que está intrinsecamente associado ao grau de domínio do ato de escrever nessa língua. A esse conjunto, concisa expressão latina, com muita precisão, designa como *usus scribendi*. Dita em português “modo de escrever” ou “hábitos de escrita” prevalece o aspecto externo da escrita, a letra, sua apresentação, seu grau de legibilidade, se quem a produziu tem costume de escrever, se escreve por profissão, ou se seu manuscrito é eventual. Esta reflexão se faz sobre o *usus scribendi* no sentido latino, enquanto exame do fluxo da escrita como resultado do ato físico de escrever o qual, por sua vez, revela o grau de domínio da língua em que se escreve, as preferências estilísticas do escriba, além, obviamente, do nível de conhecimento da matéria de que trata o texto.

É possível traçar um perfil de Caio Prado Jr. enquanto autor de suas obras, enquanto autor de seus diários e enquanto pessoa pública, uma vez que o método de escrita do autor é capaz de revelar tanto quanto o conteúdo e o suporte de sua escrita. É, então, com uma análise conjunta de todos elementos intra e extratextuais que é possível transformar o manuscrito em fonte de pesquisa paleográfica. Com base nessa perspectiva, Almada (2014, pp. 140 e 141) afirma:

Há algumas décadas, tem-se estabelecido uma discussão metodológica acerca das possibilidades da cultura material para a pesquisa histórica, destacando-se a necessidade do historiador estar atento às características físicas dos objetos para poder extrair deles tanto perguntas quanto respostas. (...) Se os objetos dizem mais do que sobre a matéria da qual são constituídos, o texto não esgota o rol de informações que podem ser extraídas dos documentos. (...) pois entendendo que o documento tem uma história e que ela deixa marcas materiais em sua estrutura, além de outras imateriais, é que se torna possível, no documento escrito, extrapolar o texto como fonte histórica.

É viável, portanto, por meio do suporte, alcançar informações que auxiliem na leitura e compreensão do conteúdo manuscrito – e impresso, nesse caso – capazes de nos revelar seu processo de criação – ou seja, o caminho feito pelo autor no exercício de sua escrita.

Está sendo feita uma edição do primeiro Diário como um todo, respeitando a escrita do autor e as abreviaturas que ele usava para agilizar o processo. Desse modo, será possível observar as idiosincrasias dessa escrita que, aqui, pode ser chamada de “particular” – levando em conta que, a priori, os Diários não foram escritos para serem lidos por outra pessoa além de CPJ. No trecho de edição abaixo foram mantidas as abreviaturas e apresentadas notas explicativas de rodapé necessárias para a análise proposta. Como não é o caso aqui, não foram alterados os limites entre palavras nem o limite de páginas.

1935 - [out 1936]³Novembro - Dezembro

Rompido o movimento em Natal e Recife (23 de Nov.), foi em 25, pelo dec. leg nº 5 e dec. do P. Ex. de 26 decretado o estado de sitio em todo territorio nacional por 30 dias; o governo pedira 60. Em 27 rompe o movimento no 3º R. I. e Escola de Aviação (Rio) logo abafado. Começam as prisões em massa, particularmente no Nordéste, Rio e S. Paulo; fechamento de Sindicatos e organizações populares. A imprensa popular é abafada: “Manhã” do Rio, “Platêa” de S. Paulo. O resto da imprensa começa vasta demagogia anti-comunista. O movimento é atribuído aos comunistas agindo através da A.N.L. Por sentença de 10 de Dez. do Juiz Federal do Distr. Fed. A A.N.L. é dissolvida judicialmente.

Propõe-se uma reforma constitucional que é rapidamente votada, e incluídas tres emendas que são promulgadas em 19 de Dez. Logo apoz é ampliada a Lei da Seg. Nac. (lei 38) pela lei 138 || 1r. Pag. 1

A minoria parlamentar votou contra estas medidas, o P.R.P. as apoiou.

As sentenças proferidas em habeas corpus sucessivos fixam a atitude do P. Judiciario em estado de sitio, interpretando o art. 178 da Const. Fed. O Juiz Comissionado é um simples registrador de declarações; a justiça ordinaria só conheceu das dormas “extrinsecas” (voto do relator Min. Costa Manso) e não entra no merito das prisões.

Pelo dec. leg. nº 8 de 21 Dez., e dec. do P. Ex. 532 de 24 do mesmo mês, o estado de sitio é prorogado por 90 dias em todo territorio nacional.

Em fins do mês, a policia do Distr. Fed. prende Artur⁴ Ewert ou Harry Berger na rua Barão da Torre e apreende copioso arquivo.

³ A informação entre colchetes foi acrescentada a lápis e é improvável que tenha sido feita pelo próprio Caio, já que a grafia de “1936” é muito mais arredondada em comparação com a grafia de “1935” – que sabemos ser, de fato, de autoria dele e que está, inclusive, à caneta. Algumas hipóteses são de que foi uma anotação feita pela primeira pessoa que teve acesso ao Diário – uma vez que ele estava sem a capa original –, ou uma anotação feita por alguém que o organizou como parte do acervo de Caio Prado Jr. e, para fins de organização temporal, fez a anotação e esqueceu de apagá-la posteriormente. Essa anotação não tem autoria comprovada.

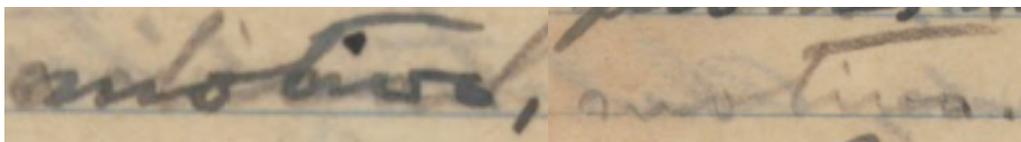
⁴ É possível ver uma rasura por baixo do A, feita a lápis, que impossibilita a visibilidade do que foi escrito antes da escrita à caneta.

Acusa-se Berger de relações com Prestes,
representante do Bureau Sul-Americano
do I.C. e organizador do movimento
de Nov.

Na passagem do ano, Getulio Vargas || 1v pag. 2

pronuncia um discurso, irradiado para
todo paiz e publicado na imprensa do
dia 1º, concitando o povo a cerrar fi-
leiras em torno do governo no combate
ao comunismo.

Acaba aqui o registro dos dois primeiros meses e, na linha seguinte, na mesma página, começam os escritos do mês de janeiro do ano de 1936. Até a página seis do caderno todos os registros são feitos à caneta. Porém, pode-se ver anotações a lápis por baixo de algumas frases e de algumas palavras. Em algumas linhas, por exemplo, a palavra da linha anterior estava repetida a lápis, o que é o caso abaixo, no qual em uma linha, a caneta, aparece a palavra *motivo* e, na linha seguinte, aparece a mesma palavra repetida, porém a lápis nos registros de 5 de março de 1936. Nesse caso a oração foi toda reconstruída, sendo *teve o "Radical", pelo mesmo motivo* a lápis, e, quando passada a limpo *pelo mesmo motivo, teve o "Radical"*. Essa palavra a lápis que fazia parte da organização original da oração é totalmente ignorada por CPJ, que continua seu registro na linha seguinte.

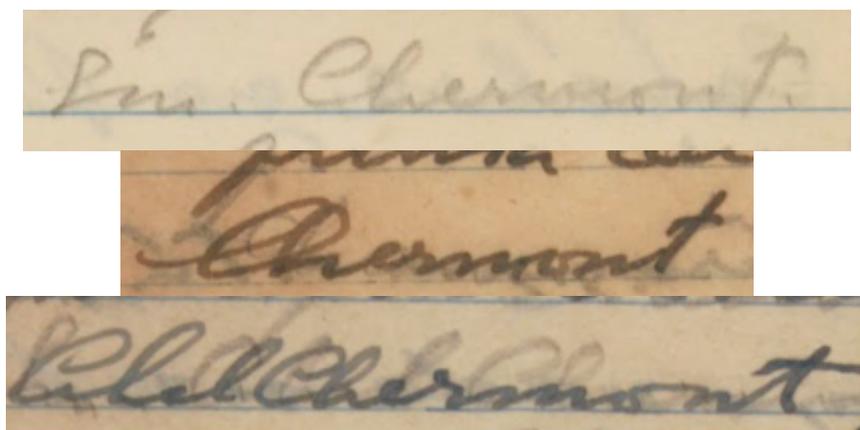


Pode-se notar que, ao passar a limpo à caneta, CPJ reestrutura orações e muda pontuações. O pingo no *i* abre a possibilidade de que, talvez, a caneta do autor descansou por um tempo maior ali, provavelmente enquanto ele pensava em como continuar a frase, visto que a maior parte da original estava por baixo de escrita à caneta prévia - é interessante considerar aqui também a possibilidade de essa escrita ser feita com caneta tinteiro. Com isso, pode-se supor que Caio Prado Jr. escreveu todas essas páginas já considerando a possibilidade de reescrevê-las - permitindo-se, assim, uma escrita mais despreocupada, que seria lapidada depois - ou, em algum momento, depois de terminar todo o primeiro Diário - ou uma parte dele - resolveu começar a passar a limpo suas anotações e reescrever parte delas.

No exemplo abaixo, pode-se ver que, por baixo da escrita à tinta, ainda na escrita a lápis, o *ch* de *Chermont* se encontra onde, à caneta, está o *m* de *Chermont*, enquanto que *Abel* a lápis, termina na primeira sílaba de *Chermont* à tinta.



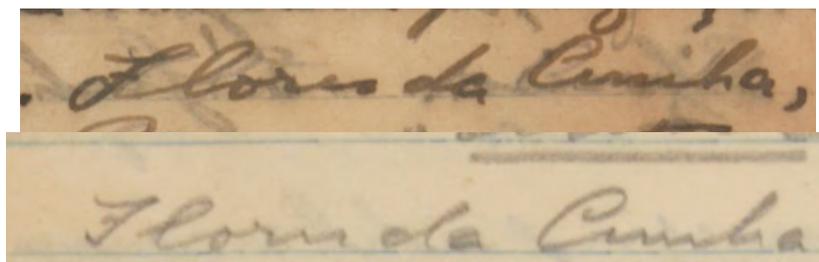
Quando comparadas as três escritas abaixo, do nome de Abel Chermont⁵ - a lápis (em 23 de maio), à caneta com sombra do verso de outra página, e à caneta com o lápis abaixo visível (das primeiras páginas) - vê-se uma variação principalmente no C inicial. Na escrita a lápis pode-se notar que a letra inicial é menos trabalhada que nas versões à caneta, também é possível ver mais claramente que a última letra está ligada ao restante do nome quando o texto é passado a limpo e, além disso, há um arredondamento da letra *o* nas versões à tinta. Quando passado à caneta, também, é possível notar que o *r* de *Chermont* recebe um acabamento mais nítido, sendo seu traço final mais bem desenhado e legível.



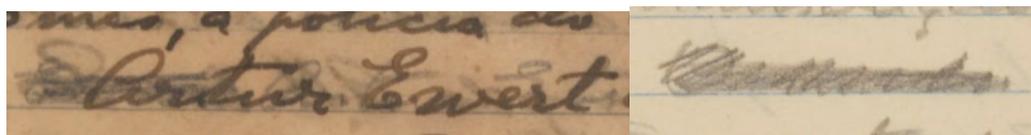
Assim também, quando comparados os dois registros abaixo, do nome de Flores da Cunha⁶ a lápis e à caneta, é possível ver que, passada à tinta, a primeira letra do nome já ganha um novo desenho, o *l* seguido é colado à primeira letra e, assim como no exemplo anterior, as vogais são mais arredondadas quando passadas à tinta - arredondamento este que, nesse caso, pode ser visto na perna do *h* semelhante em *Cunha*. Pode-se notar inclusive que, propositadamente ou não, o conjunto *es* fica mais legível na versão à caneta, com traços mais distintivos e legíveis, possibilitando a identificação dos traços que diferenciam o *e* do *s*.

⁵ Foi senador e vereador pelo estado do Pará entre 1918 e 1937. Processado, condenado e preso no governo Getúlio Vargas porque, com outros parlamentares, havia denunciado arbitrariedades e violências cometidas pela repressão anticomunista.

⁶ José Antônio Flores da Cunha foi senador e governador eleito pelo estado do Rio Grande do Sul. Atuou ativamente na revolução de 1930, levando Getúlio Vargas à presidência no final daquele ano.



É interessante notar também que, ao invés de apagar erros – ou a escrita a lápis por baixo de alguns registros – o autor prefere usar rasuras. Como o contexto de produção desse Diário, a princípio, acontece durante o cárcere do autor, é possível sugerir que Caio não tinha acesso a uma borracha – nem no momento de escrita, nem quando passava a limpo com caneta – como mostra a primeira imagem abaixo, do registro da segunda página, ainda em 1935. Além disso, a rasura, que aqui foi feita a lápis, e pode ser mais um indicativo que CPJ via os primeiros registros como rascunhos a serem alterados antes de serem passados a limpo – até porque, se ele tinha acesso a uma borracha, escolheu deliberadamente não usá-la naquele momento. Porém, como se vê na segunda imagem, do registro de abril de 1936, passar todo o Diário a limpo não foi possível na maior parte do caderno.

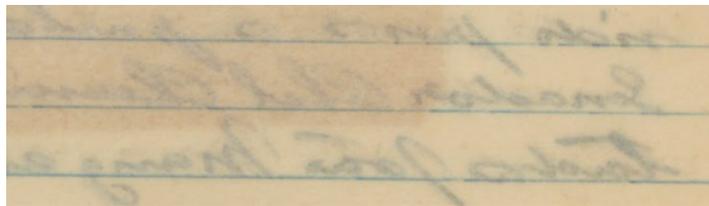


É importante ressaltar que, embora uma segunda ou terceira leitura desse conteúdo tenha sido considerada por ele, não há registros de que Caio Prado Jr. realmente pretendia publicar ou divulgar seus escritos. No sétimo Diário ele diz que “Estas notas não se destinam a serem lidas por outrem. Servem apenas para no futuro avivarem minha memória sobre os acontecimentos (do) meu tempo” (DP 7, set/46 a jan/47, p. 56)⁷. Não se descarta, entretanto, a hipótese de um leitor que não fosse ele próprio. É possível que CPJ estava passando a limpo seu diário apenas para sua própria leitura, mas o cuidado com a organização do material, a reunião de recortes e a série de anotações ao longo do diário podem suscitar outras perspectivas ao texto, inclusive em relação à sua circulação e leitura de terceiros, sem possibilidade de desconsiderar nenhuma hipótese.

O que podemos notar é que as folhas são finas – deixando, muitas vezes, a tinta da caneta ou de um recorte de jornal serem visíveis na página ou páginas anteriores e sucessivas. É possível também reparar que essa própria marca da escrita consegue dificultar a leitura de outra página e que, como as folhas já estão mais frágeis devido ao tempo e à qualidade baixa – como mostra a imagem abaixo, na

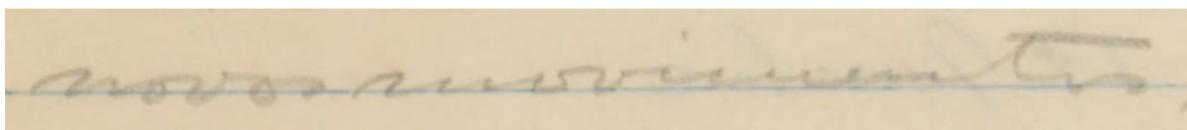
⁷ IUMATTI, Paulo Teixeira. Diários Políticos de Caio Prado Júnior: 1945. São Paulo: Brasiliense, 1998.

qual as letras a tinta têm boa visibilidade no verso da folha – a leitura, principalmente a lápis nas partes que são somente a lápis, é dificultada, e a diferenciação do que estava a lápis e do que é sombra nas partes que foram passadas à caneta tem maior grau de complexidade.



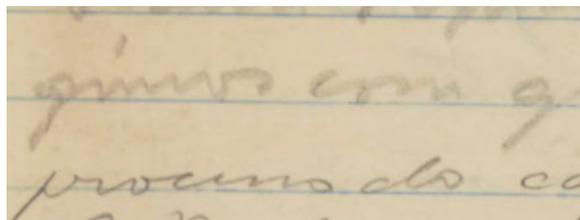
Assim como a escrita de um documento como esse, sua leitura, transcrição e edição também requerem tempo e exigem um olhar atento aos detalhes. Quando se refere a algum acontecimento político-social noticiado, Caio Prado Jr. recorta matérias de jornais de diversos locais do país – e, em alguns casos, com notícias estrangeiras-, cola nas páginas e faz comentários – às vezes nas laterais, às vezes acima, às vezes nos próprios recortes, às vezes grifos nos textos ou ainda rabiscos às margens. Além de não ser uma prática comum de qualquer autor, deve-se levar em consideração que Caio não só achava relevante esse acréscimo de informação, como também, quando anotava algo sobre ditas matérias, se preocupava em fazer as anotações à caneta e muitas vezes os grifos nos textos relacionados aos seus comentários manuscritos. Em alguns recortes ele ainda acrescentava o nome do jornal e a data em que foi publicado, para facilitar provavelmente o acesso e a sua contextualização posteriormente.

Pode-se notar também que, quando Caio Prado Jr. faz registros diariamente, o limite entre palavras fica inconstante – provavelmente pela velocidade de escrita – e sua grafia fica mais inclinada. No exemplo abaixo, do dia 16 do mês de junho de 1936, CPJ estava começando uma nova página, registrando rapidamente tal dia e, na página seguinte, já iniciou o dia 17 de junho de 1936. Percebe-se que, além do limite turvo, a definição e o desenho de cada letra não são mais tão claros, ainda mais se for considerada a teoria de que ele pretendia, em algum momento, passar todos esses registros a limpo – assim os registros a lápis seriam vistos, por parte do autor, como um rascunho, sem preocupação de fazer uma anotação legível por terceiros nesse estágio.



Outro momento interessante e facilmente perceptível é quando Caio Prado Jr. provavelmente apontou o lápis ou mudou a posição da pegada de sua mão no instrumento, deixando transparecer a diferença de uma escrita em grafite para a outra e o instante exato em que isso acontece, o que pode

indicar ou uma pausa proposital do autor ou, ainda, uma ânsia de registrar as primeiras três linhas que antecedem a imagem abaixo, nas quais ele não se importou com o traço não tão nítido do grafite:



Fica claro que uma análise além do conteúdo do texto é indispensável para sua compreensão completa, sendo capaz de revelar outras camadas do documento – e, também, de seu autor durante o processo de escrita – que são tão relevantes e tão reveladoras quanto seu próprio conteúdo. Nas observações apresentadas, por exemplo, o conteúdo se porta como um complemento à maneira de escrita do autor, sendo necessária, principalmente a forma como foi apresentado e organizado, que revelam quais informações foram escolhidas para serem registradas, e conservadas, e como. Vale manter em mente também que todas essas escolhas são relevantes para a compreensão da relação do autor com o seu material e seu conteúdo.

Considerações finais

Ao aplicarmos os conceitos paleográficos no primeiro Diário Político de Caio Prado Junior, foi possível substanciar informações de seu contexto de escrita – como a disponibilidade de material e de informação para seus registros –, de sua história – como mostram os recortes de jornais e as marcas de desgaste do tempo na tinta e no grafite –, do processo de criação do autor – indicado pelas rasuras e reescritas –, da sua prática de escrita – onde o autor escreveu com pressa, onde ele voltou para anotar algo, onde ele trocou o instrumento de escrita – e, enfim, da relevância de todo esse material como fonte histórica, inclusive para outros ramos da filologia, da história e da sócio-política. É necessário ressaltar que o olhar paleográfico é indispensável para uma análise completa de quaisquer documentos manuscritos – capaz de contribuir para um melhor entendimento de seu conteúdo e de como se deu a sua transmissão.

Direcionar o olhar do pesquisador, portanto, para a quantidade de desdobramentos possíveis em uma análise paleográfica não é só fundamental para o estudo de um material específico, mas também reforça a relevância desses estudos para uma compreensão ampla e plural da composição de qualquer manuscrito que apresente potencial de fonte histórica e documental, oferecendo procedência de informações impossíveis de serem desprezadas.

Referências bibliográficas

- IUMATTI, Paulo Teixeira. **Diários Políticos de Caio Prado Júnior: 1945**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.17-39, dez. 2018.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; FACHIN, Phablo Roberto Marchis; MONTE, Vanessa Martins do. *Crítica Textual: análise grafemática e pesquisa lingüística*. **Veredas - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, v. 1, p. 127-146, 2007.
- NUÑES CONTRERAS, Luis. *Manual de Paleografía. Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Ediciones Catedral, 1994. p. 15-55
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Diário Político**, vol. 1, 160 páginas. São Paulo, SP: 1935-1936.
Localização: CAIXA 029 [CPJ001], Participação política, Diários Políticos.